REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Preços da assignatura	Anno — 36 n.os	Semest. — 18 n.os	Trim. — 9 n.os	N.º á entrega
Portugal (franco de porte, m. forte)	3$800	1$900	$950	$120
Possessões ultramarinas (idem)..	4$000	2$000	—$—	—$—
Extrang. (união geral dos correios)	5$000	2$500	—$—	—$—

14.º ANNO — VOLUME XIV — N.º 453

21 DE JULHO DE 1891

REDACÇÃO—ATELIER DE GRAVURA—ADMINISTRAÇÃO

LISBOA L. DO POÇO NOVO, ENTRADA PELA T. DO CONVENTO DE JESUS, 4

Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados de seu importe, e dirigidos á administração da Empreza do OCCIDENTE, sem o que não serão attendidos. — Editor responsavel Caetano Alberto da Silva.

CHRONICA OCCIDENTAL

Lisboa tem tido agora um grande regabofe aos domingos e dias santos — o balão do sr. Jualhés,

O nosso povo pella se por balões e por fogo de vistas, e eu confesso sinceramente sem me envergonhar cousa alguma de n'estas predilecções fazer causa commum com o povinho, gosto tambem immenso d'esses dois divertimentos.

E tanto um como outro são meus amores velhos, amores que me vem de pequenino, do tempo em que não fazia ainda nenhuma idéa do que vinha a ser um balão, mas em que passava uma tarde toda muito socegado na varanda da minha casa da rua de S. João dos Bem Casados, com os olhos fitos no horisonte á espera de ver surdir lá para as bandas do campo de Sant'Anna uma cousa muito grande, muito negra, que pouco a pouco ia subindo e deminuindo, fazendo-se muito pequeno, até se perder quasi de vista, lá em cima, nos cocurutos do ceu, insignificante, microscopico como um pontosinho meio apagado, uma nodoa que vae a desvanecer-se.

Isso foi ha que annos, ha uns trinta e tantos, e d'ahi para cá em havendo balão antes d'elle ir ao ares ando eu n'elles, para o ver, para não me escapar esse espectaculo que acho lindissimo, que prefiro mil vezes ao de todos os barcos singrando nas aguas, ou de todas as locomotivas sybillando e correndo sobre os seus *rails*.

Para mim o meio de locomoção mais elegante mais bonito é o balão, e tenho pena de não viver no tempo, que não hade estar decerto muito longe, em que qualquer pessoa terá o seu balãosinho cómo hoje qualquer ricasso tem a sua carruagem ou o seu yacht, e em que hade haver praças para balões, como hoje ha para os trens de praça, e onde se hão de alugar aerostatos aos vôos, como hoje se alugam typoias ás corridas.

Sem de modo nenhum querer deitar bandarrismo, pôr banca de propheta e abrir o postigo que deita para o futuro, creio muito que a navegação aerea será o grande acontecimento do seculo vinte, e que as carreiras de americanos, de vapores ou de comboyos serão substituidas pelas carreiras de balões...

E gostava muito de viver n'essse tempo para ter tambem o meu balão — chegar emfim o meu S. Martinho de ter carruagem minha — e de ás tardes depois de jantar ir dar o meu passeio até á Avenida da via lactea como hoje se vae á Avenida da Liberdade.

Como se conseguirá chegar a isso não sei nem quero saber, nem é preciso eu metter-me n'esses trabalhos porque ha muita gente boa mettida n'isso, mas a navegação aerea, hade levar o mesmo caminho da navegação maritima e terrestre, hade seguir os mesmos passos desde os ensaios rudes que já se tem feito, até aos resultados brilhantes que hão de vir por força mais cedo ou mais tarde.

E' preciso confessar tambem que a minha paixão pelos aerostatos tem sido e continuará a ser, se Deus quizer, perfeitamente platonica, e que não só nunca puz o pé dentro da barquinha d'um balão, como nunca vi soltar de terra nenhuma d'essas enormes aves que já por vezes nos tem visitado, e ainda mais que nunca deitei nem soube deitar ao ar sequer ao menos, um d'esses balõesinhos de papel de seda de que hoje ha uma verdadeira praga, em todo o paiz d'esses balões de que ninguem já faz caso, senão a gente miuda, a pequenada, mas que apezar d'isso já deram bem que fallar de si, a pequenos e a grandes, já metteram uma noite um pavor enorme a toda a população lisboeta.

Lembro-me d'isso como se fosse hontem...

Foi n'uma das noites de festa do casamento de El-Rei D. Luiz com S. M. a sr.ª D. Maria Pia.

Havia grandes festas em toda a ci-

DR. PEDRO D'ARAUJO BELTRÃO — MINISTRO DA REPUBLICA DOS ESTADOS UNIDOS DO BRAZIL, EM LISBOA
(Segundo photographia)

dade, illuminações, fogos d'artificio, e se não me engano um grande fogo d'artificio no castello de S. Jorge, fogo que devia ser visto pela cidade toda, do qual se diziam maravilhas, mas que mentiu á sua espectativa como quasi sempre acontece aos espectaculos muito annunciados.

No meio da noite porem appareceu lá em cima, no ceu escuro, uma lusinha mais avermelhada que a das estrellas, mas que corria pelo ceu fóra como um planeta que tivesse muito que fazer.

Essa estrella de novo genero deu logo nas vistas de toda a gente e espalhou um grande panico pela população.

O que seria aquillo? perguntavam todos intrigados e assustados.

A hypothese de que fosse um balão foi precisamente a que não occorreu a pessoa alguma, e toda a gente imaginava ser aquillo um signal da colera divina, uma advertencia de grandes e proximas catastrophes, o prenuncio do fim do mundo.

E no fim de tudo, aquella estrella avermelhada que corria, não passava d'um balãosinho deitado pelos fogueteiros do castello, que cumpriam assim a promessa de fazer sensação em Lisboa n'essa noite de festejos reaes.

Pois eu nem mesmo d'esses balões pequeninos, que depois tanto se tem vulgarisado, consegui nunca fazer subir ao ar, e o mais que tenho conseguido é queimar alguns.

E do mesmo modo que nunca consegui deitar nenhum balão pequenino, nunca consegui vêr deitar nenhum dos balões grandes que tem feito ascenções em Lisboa, desde o tal que eu via na minha casa da rua de S. João dos Bem Casados quando tinha 8 ou 10 annos e que se não me engano era o balão da celebre madame Poitevin, madame Patavina segundo a aportuguesou a linguagem popular.

E se nunca vi fazer subir um d'esses grandes aerostatos é que para mim o bello d'esses espectaculos não é ver encher de gaz um balão nem cortar o cabo que o prende á terra, mas sim o vel-o erguer-se serenamente no espaço e ir caminhando por ali acima ao acaso do vento, visto que ainda ninguem conseguiu a valer fazel-o caminhar ao sabor d'uma vontade derigente.

De todos os aereonautas porém, que tem vindo a Lisboa ainda nenhum tinha conseguido realisar tantas ascensões a fio e com tão bom resultado como o sr. Jualhés, o aereonauta francez que tem trabalhado no Jardim Zoologico já oito tardes sem que de nenhuma das vezes algum precalço d'esses muito vulgares, em todas as outras ascenções que se tem feito em Lisboa, tenha vindo retardar ou fazer addiar as suas viagens.

E é por isso, porque ha a certeza de que as suas ascenções não falham, que já ha semanas todos os domingos e dias santos, a população de Lisboa em acabando de jantar ergue os olhos para o céu á espera do balão Jualhés, como se estendesse o copinho á espera do Cognac da sobremesa.[1]

* * *

A respeito de balão talvez acabamos d'encontrar nos jornaes francezes uma noticia deveras curiosa.

Nos principios de Maio ultimo, dois jornalistas francezes que passeavam pelos arredores de Paris viram, com grande espanto a pouca distancia d'elles, entre as sombras do crepusculo, o vulto muito distincto d'um passaro gigantesco, de dimensões colossaes, que voando para a terra em breve se occultou por detraz d'umas arvores.

Muito intrigados com a vista d'essa ave desconhecida e inverosimil, narraram o caso a varias pessoas que não os acreditaram tomando á conta de *blague* a singular narrativa. E no fim de tudo não era *blague*.

Tratava-se realmente d'um passaro phenomenal que mede 16 metros de comprimento, mas esse passaro é simplesmente uma machina de voar, inventada por um distincto engenheiro francez, o sr. Ader.

O sr. Ader, fascinado pelo problema da navegação aerea começou a estudar o vôo de certas aves grandes, mais pesadas que o ar e que apesar d'isso voam e dirigem o seu vôo á sua vontade.

Começou o estudo pelas aguias e completou-o pelos abutres, indo viver um tempo para Africa para as grandes alturas, munido com enormes porções de carne para chamar os abutres, obrigal-os a familiarisarem-se com elle, a acceitarem-n'o na sua intimidade.

[1] Precisamente depois de escripta esta chronica é que falhou ao sr. Jualhés a sua ascenção, a de domingo 19, mas falhou não por culpa d'elle mas sim da ventania desenfreada que suprou em Lisboa.

Ao principio os abutres mostravam certa desconfiança pela sua companhia, mas se a gente a tudo se habitua, um abutre não e n'isso diverso da gente, e os abutres habituaram se ao M Ader e deixaram-n'o estudar á vontade o segredo dos seus vôos.

D'esses estudos o sr. Ader alcançou os dados sufficientes para fazer o seu machinismo muito engenhoso, com o qual já tem conseguido voar a uma altura de 100 metros.

O inventor está muito contente com o resultado das suas experiencias e espera em breve fazer experiencias publicas que provem que finalmente o tão decantado problema da navegação aerea achou a sua solução.

Será verdade? O sabio francez terá conseguido essa solução que já tanta gente tem imaginado encontrar mas não tem encontrado! As futuras experiencias o dirão, e d'ellas daremos conta aos nossos leitores.

* * *

Nos theatros de Lisboa nenhuma novidade a não ser no theatro da Rua dos Condes a *reprise* d'uma comedia que em tempo fez grande successo no theatro dos Recreios, n'uma epoca de verão em que ali esteve representando uma companhia composta de artistas de D. Maria, Gymnasio e Trindade, o *Armario das afflicções*, traducção da comedia franceza *La boite á Bibi*.

O *Armario das Afflicções* é quasi mais uma pantomima do que uma comedia, mas mantem o publico em permanente hilariedade.

O desempenho que a peça tem agora no theatro da Rua dos Condes é realmente magnifico sobresahindo Barbara, no mesmo papel que fez nos Recreios, Dias no papel que foi feito por Leoni, Alfredo de Carvalho no que fora creado pelo Ribeiro, e Telmo, no que fôra desempenhado pelo actor Luciano.

Nos outros papeis são muito correctas duas actrizes que nunca tinhamos visto representar, a actriz Elisa Aragonez, e uma filha da sr.ª Maria do Céu; e os actores que fazem o papel de barão e o criado.

A peça encontrou no theatro da rua dos Condes o mesmo successo de gargalhada que tivera já no dos Recreios, e todas as noites actores e ensaiador são ruidosamente applaudidos.

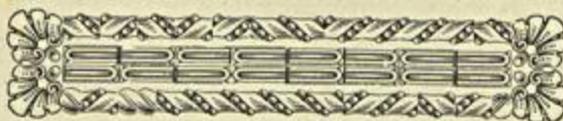
* * *

Na noite em que fomos ver a peça, na sexta feira, deparou-se nos á sahida do espectaculo, um espectaculo lastimoso — um enterro que ás 11 horas e meia da noite atravessava lugubremente a Avenida, com esse ar sinistro e mysterioso que tem os enterros feitos á noite, sobre tudo em Lisboa onde não se está habituado a elles como no Porto.

O morto que ia n'esse caixão subindo a Avenida, era o nosso velho amigo o Coronel Pinto Pedroza, lente da escola do exercito, redactor da *Revista Militar* um excellente homem e um escriptor erudito e intelligente, que nós conheciamos ha muitos annos, desde uma conferencia que elle fez contra o uso do tabaco, no collegio do sr. Andrade Ferreira, ao Rato.

Contristou-nos profandamente a morte de Pinto Pedroza a quem desde então — ha cerca de trinta annos — nos ligava a mais cordeal amisade.

Paz á sua alma.

Gervasio Lobato

AS NOSSAS GRAVURAS

DR. PEDRO D'ARAUJO BELTRÃO

MINISTRO DA REPUBLICA DOS ESTADOS UNIDOS DO BRAZIL, EM LISBOA

Para substituir o sr. Barão de Aguiar de Andrade ministro do Brazil em Lisboa, que retirou para a legação da Suissa, nomeou o governo brazileiro o sr. dr. Pedro d'Araujo Beltrão que estava exercendo egual cargo em Londres.

Assim se acha novamente em Lisboa o sr. dr. Araujo Beltrão, que aqui esteve alguns annos em secretario da legação do Brazil, adquirindo as maiores sympathias, tanto da colonia brazileira como da sociedade lisbonense com que privava.

E' por isto que foi muito bem recebida na capital a nomeação do novo ministro do Brazil, primeiro que vem representar a nova Republica dos Estados Unidos do Brazil, n'esta côrte.

O sr. dr. Pedro d'Araujo Beltrão, nasceuem Pernambuco onde fez os seus estudos e concluiu o curso de direito. Ainda novo sentiu-se attrahido pela politica e entrou no parlamento brazileiro, onde luctou ao lado do visconde de Rio Branco, de Joaquim Nabuco e outros pela libertação do elemento servil.

Luctou, e hoje é um dos que podem cantar victoria pelo triumpho da sua causa. Nada mais sympathico do que ser soldado d'essa campanha que libertou o Brazil da sombra degradante que empanava o brilho das estrellas que folguram na sua constellação, a escravatura.

Todos os homens que se empenharam n'esta redempção, affirmaram perante a humanidade as qualidades da sua alma e do seu coração, do seu coração principalmente, que sabia vencer o interesse egoista, a maior parte das vezes superior aos impulsos mais generosos.

O sr. dr. Araujo Beltrão, sendo um d'esses, isso basta para desenhar o seu prefil moral.

Entrando na carreira diplomatica, esteve, como dissemos, em Lisboa secretario da legação e ha trez annos fôra transferido para Londres encarregado dos negocios do Brazil.

Quando, em novembro de 1889, foi proclamada a republica do Brazil, estava o sr. dr. Araujo Beltrão ainda em Londres, e ali teve occasião de prestar importantes serviços ao seu paiz junto do governo inglez, pugnando pelos creditos da nascente republica, affirmando os seus dotes diplomaticos de provada intelligencia.

Apezar, porem, de todas as considerações que rodeavam o sr. dr. Araujo Beltrão na côrte de Londres, o clima d'aquella cidade não era dos mais favoraveis á sua saude, e por isso foi com verdadeira satisfação que o illustre diplomata recebeu a sua nomeação de ministro em Lisboa, cidade onde contava grande numero de amigos e de um clima mais semelhante ao da sua patria.

Se alem d'isto considerarmos que a legação de Lisboa é das mais importantes para o governo do Brazil, encontramos tambem na transferencia do sr. dr. Araujo Beltrão, uma prova de alto apreço do seu governo pelos serviços que lhe prestou, e justa recompensa que tanto honra o governo da republica como o digno diplomata a que foi dispensada.

O novo ministro do Brazil foi recebido por El-Rei D. Carlos em audiencia no dia 1 de junho ultimo, apresentando as credenciaes que o acreditam junto do monarcha portuguez, e por essa occasião sua magestade affirmou ao illustre diplomata, a alta estima e consideração que lhe merecia como representante de uma nação irmã e com a qual deseja continuar a manter as mais cordeaes relações.

AS OBRAS DO PORTO DE LISBOA

Por defferentes vezes nos temos referido aqui ás obras do porto de Lisboa, dando noticia do seu progressivo desenvolvimento, e publicando gravuras do estado das obras como hoje fazemos.

E' este assumpto de tanto interesse, que nos parece satisfazer-nos assim á justa curiosidade dos nossos leitores, pondo-os ao corrente de quando em quando do estado de adiantamento dos trabalhos.

As gravuras que hoje publicamos dão uma idéa muito completa do estado das obras, mostrando uma grande parte dos aterros e muralhas que formam as dokas.

As muralhas construidas estendem-se já desde a torre de Belem até á rocha do Conde de Obidos do lado do poente, e desde Santa Apolonia até á Ribeira Velha pelo lado do nascente. Os aterros estão em construcção os de Santa Apolonia, Terreiro do Trigo, Caes do Sodré, Ribeira Nova e Alcantara, havendo já empregados n'estes aterros 977:400 metros cubicos de terra.

Os enrocamentos para fundações de muralhas, bases das rampas de varadouros e entre pilares sobem já a 202:700 metros cubicos, em Santa Apolonia, Terreiro do Trigo, rampa da doka de Santos, e na margem esquerda do Caneiro de Alcantara, e que se devidem do seguinte modo: fundações 72:800; bases para protecção de rampas 102:700; entre pilares 27:200 metros cubicos.

A construcção das muralhas na parte que fica debaixo d'agua é feita do modo seguinte:

As muralhas são fundadas sobre pilares ligados entre si por arcos, distanciados 14 metros de eixo a eixo e o seu coroamento fica 2 metros abaixo do zero hydrographico. A fundação d'aquelles pilares é feita por meio de caixões de ferro de 4ᵐ,60 por 7ᵐ,60 na base e 2ᵐ,90 de altura, variando esta conforme a natureza do terreno demandar maior altura n'estes caixões, os quaes então se acrescentam com alças adquadas.

Os caixões são cheios aparafusando-se-lhes umas ensacadeiras em que se deita o material que

forma os pilares, empregando-se a pressão do ar para que os pilares fiquem perfeitamente construidos e resistentes. Feito o pilar é desaparafusada a ensacadeira e retirada do fundo do rio por meio de uma cabrea e passada a servir n'outro pilar etc. Sobre dois pilares seguidos assenta um outro caixão de ferro denominado lintel de 13m,80 por 5,m50 na base e 1,m36 de altura no qual se segue o mesmo processo que para formar os pilares e assim se vão construindo os chamados arcos que formam a base das muralhas. E' sobre estes arcos que se construe depois a muralha que vem até acima do nivel das aguas. Os vãos entre os pilares são cheios com enrocamentos que protegem os aterros interiores.

O volume de dragagem executado em lodo e areia, até 30 de abril ultimo, subia a 581,100m cubicos. Em terrenos consistentes tinham se executado só 2.400m cubicos no ante-porto. Áquella data haviam construidos em toda a extensão das obras uns 2:100 metros correntes de muralhas com os alicerces terminados e em grande parte d'esta extensão os trabalhos fóra d'agua eram já muito apreciaveis á vista.

Nos sitios onde não ha dokas são os canos de esgoto da cidade prolongados até á muralha exterior, e onde as ha, são ligados a um cano collector que vae despejar no rio. A extenção dos canos construidos é já de 1:103 metros correntes.

Com respeito ao material empregado na construcção do porto já o OCCIDENTE se tem occupado d'elle publicando algumas gravuras de dragas machinas etc., para o que os leitores poderão recorrer aos n.os 370, 372 e 377.

Os operarios empregados nas obras do porto de Lisboa são cerca de 2'000 diariamente.

A importancia despendida com estas obras orça já por uns tres mil contos sendo a verba annual destinada para as mesmas, de mil contos. O que ha ainda a despender com estas obras eleva-se a oito mil contos.

O contrato feito com o empreiteiro, o sr. Hersent, marca que as obras devem estar concluidas em agosto de 1897.

DR. ANTONIO DA SILVA JARDIM

Acaba de ser victima de uma morte horrorosa, o dr. Silva Jardim, o mais arrojado propagandista da republica implantada no Brazil.

O dr. Silva Jardim veio á Europa em novembro do anno passado e esteve de passagem em Lisboa, indo para França, conservando-se em Paris até ha pouco e partindo d'ali para Italia em viagem de receio N'esta viagem foi a Napoles e quiz ir até ao Vesuvio que se achava em ebolição.

Fez a ascenção ao Vesuvio com um seu companheiro de viagem o sr. Joaquim Carneiro de Mendonça, engenheiro brazileiro, e o competente *cicerone*, mas tanto se approximou da bocca do vulcão apezar de todas as observações do *cicerone* que lhe fazia vêr o perigo que corria, que muito proximo da cratera o vulcão abriu uma fenda por onde o dr. Silva Jardim desappareceu subitamente, sem que lhe podessem valer. Eis a morte horrorosa que o victimou.

Com respeito a este notavel brazileiro escreve o sr. Jose do Patrocinio, — outro brazileiro e o mais enthusiastico abolicionista, no nosso colega o *Seculo*, um bello artigo biographico que desenha vigorosamente o prefil do dr. Silva Jardim, como quem o conheceu de perto e partilhou os seus ideaes.

Diz o sr. José do Patrocinio:

«Chamava-se Antonio da Silva Jardim.

Magro, estatura de Thiers, pallido de argila, barba inteira, rente, ponteaguda, vestindo correctamente, parecia, á primeira vista, uma d'essas nullidades elegantes, a que a natureza, satisfeita por afeminar-lhes o aspecto, regateia logar no espaço Bastava, porém, reparar na fiexão das suas sobrancelhas espessas, na expressão imperativa do seu olhar para descobrir dentro d'essa mingua organica um homem, um caracter em cerne vivo.

A fortuna nunca lhe sorriu; foi o operario de si mesmo.

Nascido na antiga provincia, hoje Estado do Rio de Janeiro, veiu adolescente para a capital brazileira e entrou pela secretaria de Instrucção Publica, na epoca dos exames, lembrando um passaro selvagem, a voejar a esmo n'uma tonteira de luz. As suas notas foram verdadeira conquista, tamanho era o seu atrevimento no ataque ao ensino official.

Feitos os preparatorios entrou na faculdade de direito, em S. Paulo, como um invasor, quebrando os velhos moldes academicos, apavorando os mochos do clacissismo com o clamor aurorial da philosophia positiva. Ficou algum tempo só, apenas pairando no isolamento da sua excentricidade, mas, pouco a pouco, outros talentos, outras energias se lhe congregaram, e Silva Jardim tornou-se um centro de prestigio academico. Quando se doutorou já o seu nome era repetido pela estima publica.

Parece que sentiu então neccessidade de concentrar todo o ardor juvenil para amadurecer o espirito. Em vez de entregar-se logo á politica, recolheu-se ao magisterio; ensinon historia na Escola Normal convertendo os discipulos em outros tantos amigos e fazendo-se respeitar como professor modelo.

A cadeira official era, porém, uma prisão e Silva Jardim precisava da toda a sua liberdade; a sua palavra, como a de Jesus, aspirava a um dorso de montanha, uma tribuna para a multidão. Demittiu-se, pois, e foi armar tenda em Santos, berço do patriarcha da independencia brazileira, cidade emancipada de todos os preconceitos e de todos os servillismos pela vida commercial.

Foi ahi que o ouvi pela primeira vez, á noite, ao claro de archotes, no momento em que se recolhia uma passeiata civica de abolicionistas. A sua voz atenorada, monotona, produziu-me a impressão de uma labareda immovel, aquecendo forte, mesmo a distancia, mas de onde não escapacava uma fogulha para ateiar incendio. Silva Jardim era então positivista orthodoxo e evangelisava, segundo a sua egreja. O seu discurso não tinha uma aresta; era uma onda mansa que espumava, de quando em quando, sem estrepito, uma aspiração popular.

Confesso que foi grande a minha decepção; contava com um agitador e deparava com um pedagogo.

Perdemo nos de vista até maio de 1888, data em que o partido republicano de S. Paulo deliberou entrar em phase revolucionaria, declarando guerra sem treguas ao terceiro reinado.

Silva Jardim começou então a ser o *primus inter pares*.

Na reunião de 24 de maio de 1888, convocada pelos republicanos paulistas para formar a caixa revolucionaria, capitalistas presentes assignaram quantias relativamente ridiculas. Silva Jardim era pobre, tinha já cargo de familia, porque alliara-se a uma das illustres descendentes de José Bonifacio, mas. para dar exemplo de dedicação ás suas idéas, comprometteu-se por somma maior. Valeu alguma cousa o estimulo, mas apezar d'isto, elle vereficou mais tarde que não era possivel confiar n'esse recurso como o principal instrumento de exito revolucionario. Deliberou, pois, agir por si só, sem pedir conselho, sem receber ordens dos chefes.

Querendo revolucionar, começou revolucionando-se. Agora já não era o orador, calmo e frio, o philosopho emfim, era o propagandista impetuoso, violento, sanguinario. Os seus discursos estrellejavam chammas como um ferro em temperatura branca. Parecia uma maré de fogo, avançando contra o throno.

Tendo começado o incendio em Santos, estendeu-se á provincia de S. Paulo inteira, á capital do imperio, ás provincias do Rio e Minas Geraes. Fallava em tres e quatro cidades no mesmo dia, com o relogio na mão, para obedecer ao horario das estradas de ferro. Após o seu discurso, apparecia no logar um centro republicano.

O imperio, molle e bonacheirão, encolheu, a principio, os hombros. Que fallasem; outros haviam feito o mesmo; porem, a inercia popular, a mór parte das vezes, e outras o couce d'arma do exercito tinham bastado para impedir que a semente republicana germinasse.

A propaganda de Silva Jardim tomou, entretanto, tamanhas proporções, era tão evidente a sua efficacia, os seus resultados eram tão immediatos que a monarchia tomou a deliberação de resistir-lhe

Consequencias da organisação revolucionaria do partido republicano foi a formação da *guarda negra*, organisação anti-revolucionaria dos libertos e dos descendentes da raça negra.

O partido republicano, que nunca se julgou obrigado a fazer sua a causa dos escravos, acceitava agora como sincera a conversão dos antigos senhores, e dando-lhes, em troca da força que estes lhe emprestavam, todo o prestigio partidario, commetteu o erro de ameaçar, não immediatamente o throno, mas o reinado da mulher, que tinha tido a extraordinaria coragem de decretar a lei da abolição da escravidão.

Apezar de republicano, fui um dos que combateram este erro e dos que justificaram a attitude dos libertos. Entendi, como entendo até hoje, que só os antigos senhores tiham o direito de revolução contra a princeza, que os privou do gozo immoral da escravidão; os libertos tinham o dever de manter aquella que os havia salvo da tyrania dos senhores.

Silva Jardim, porém, só olhava para o effeito da sua propaganda sobre a consciencia publica, e acreditando que todas as questões que decorriam da revolução humanitaria de 13 de maio, podiam ser resolvidas pela Republica, multiplicou de esforço desde que appareceram as primeiras resistencias.

Os odversarios passaram das ameaças á realidade.

Cada vez que o orador republicano assomava á tribuna, corria imminente perigo de vida; pedradas, tiros de rewolver, tumultos, luctas á mão armada, interrompiam-lhe o discurso, e elle, calmo, de pé na tribuna, com os braços cruzados, o sorriso nos labios, esperava que a tormenta passasse, e continuava. Quando era de todo impossivel dominar o tumulto e se dissolvia a reunião, Silva Jardim só se retirava arriscando tanto a vida como o mais humilde dos seus correligionarios.

É muito conhecido o episodio da viagem do conde d'Eu, esposo da herdeira da coroa, ás provincias do norte.

Como sua alteza se embarcasse a bordo do paquete *Alagôas* o mesmo que devia transportar para a Europa a familia imperial banida, Silva Jardim tomou passagem no mesmo paquete.

A viagem principesca tinha por fim avigorar no norte, abolicionista, a fé monarchica que a lei de 13 de maio havia abalado no sul até os seus alicerces.

O tribuno republicano apercebeu se do manejo e resolveu contrapôr, com risco de vida, uma corrente republicana á forte corrente monarchica, que ia inundar o norte!

Só uma provincia, a da Bahia, poude ouvir Silva Jardim, mas ahi mesmo, atacado á mão armada desde o momento do desembarque, e obrigados os republicanos a travar lucta, de que resultaram ferimentos e mortes, força foi interromper essa viagem em Pernambuco. Os republicanos d'essa provincia, ainda que se sentissem com força para garantir a palavra a Silva Jardim, considerando que se daria fatalmente grande effusão de sangue, de que resultaria uma revolução, que, sendo, parcial, não aproveitava immediatamente á causa republicana em toda a patria, conseguiram o silencio do tribuno, publicando um protesto collectivo.

Avalia-se, porém, o effeito d'esse golpe de audacia temeraria, pela declaração que o principe itinerante se viu obrigado a fazer publica e solemnemente. Sua alteza, em nome da familia imperial, declarou que a monarchia não pretendia resistir á opinião publica; ao contrario, compromettia-se a submetter-se ao pronunciamento d'ella, feito pelos meios regulares.

Dois ou tres mezes depois d'este incidente, a monarchia era deposta, em 15 de novembro de 1889.

Para os que acreditaram na Europa que o advento da Republica foi exclusivamente devido ao pronunciamento militar d'esse dia, sirva este rapido bosquejo da vida de Silva Jardim para despersuadil-os. A Republica estava feita nas consciencias, precisava apenas de ser consagrada na lei.

Proclamada a Republica, a figura de Silva Jardim ganha ainda maiores proporções na sua historia. O futuro historiador, quando tiver de julgar as allianças partidarias que o grande trabalhador celebrou para dispôr de um partido, poderá ser rigoroso, mas ao ver tanto devotamento esquecido tanto sacrificio mal aquinhoado, e ao mesmo tempo tanta altivez da parte da victima, ha de lembrar-se d'estas palavras de Guizot:

«Duas coisas tão grandes, quanto difficeis, são necessarias á gloria d'um homem; supportar o infortunio, resignando-se com firmeza; crer no bem e confiar n'elle com perseverança.»

A Republica, a que Silva Jardim sacrificara a sua vida, não teve um cargo de confiança para dar-lhe. Para não deixar trahir-se a sua justa queixa, o sacrificado voltou costas á patria e veiu para a Europa pedir ao estudo maior força de resignação e de patriotismo.

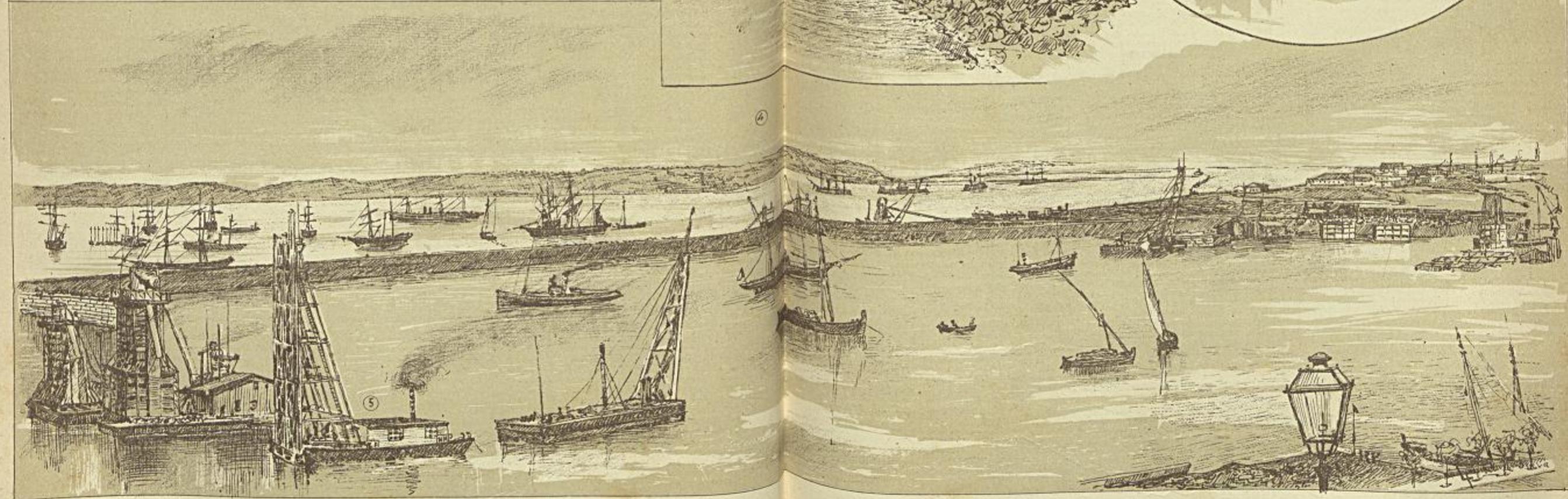
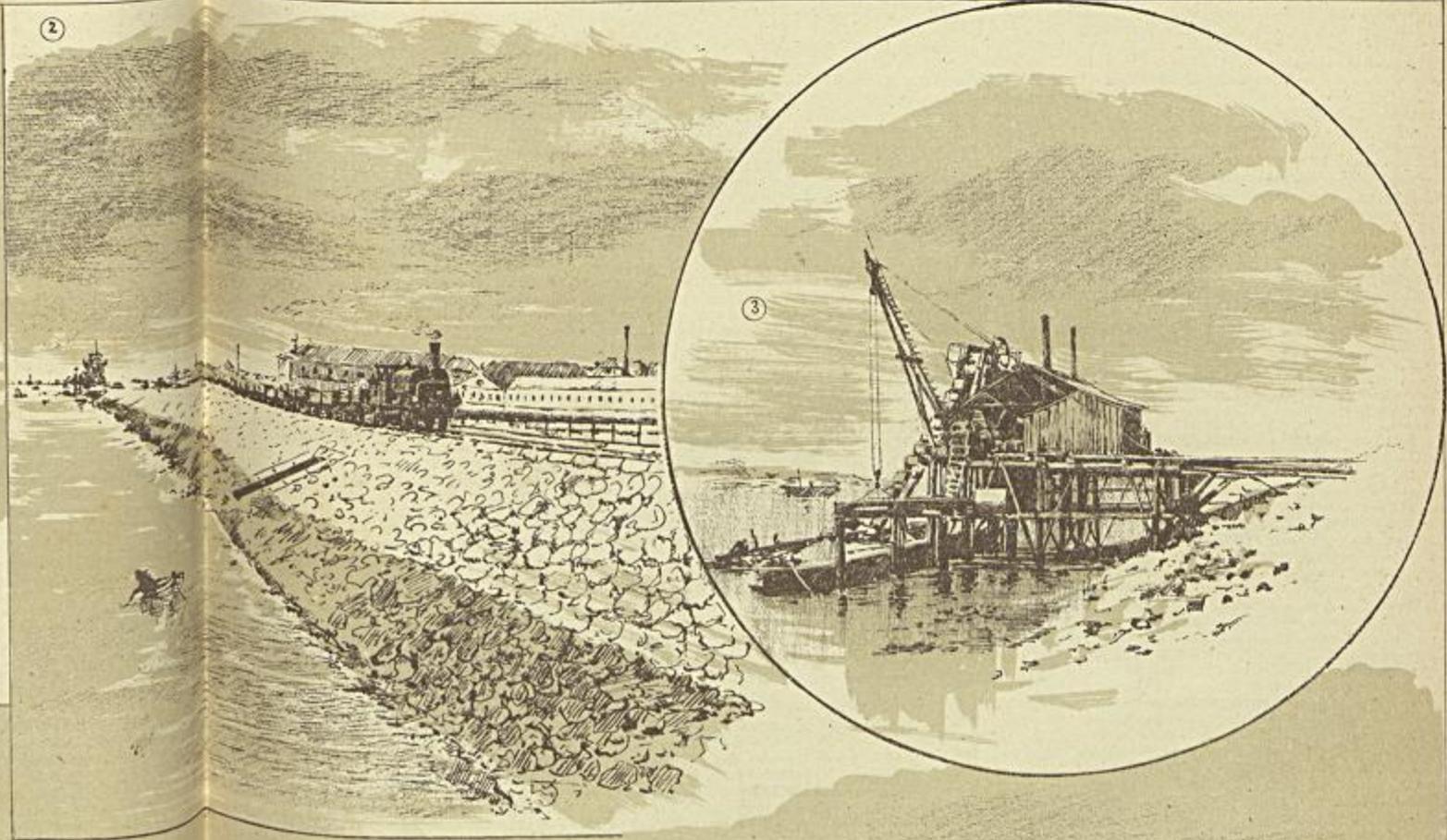
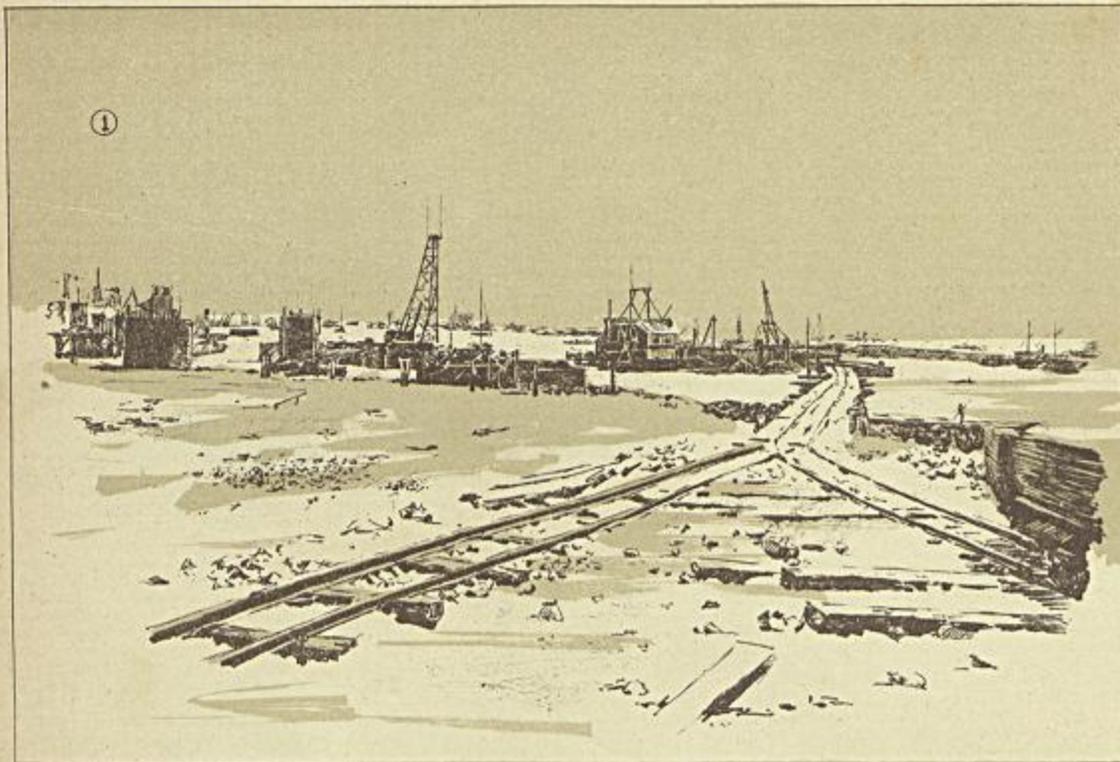
Morreu tão tragicamente como tinha vivido e ainda no ultimo momento affirmou a sua extraordinaria força de vontade, muitas vezes temeraria.

Queria ver de perto o Vesuvio. Estava em erupção; tanto melhor, assim era mais bello».

LATINO COELHO

(Conclusão)

Ao partido reformista, como a todos os que affirmam energicamente o seu credo na imprensa, nos comicios e no parlamento, não faltou a sua hora de fortuna. A popularidade do bispo de Vizeu foi talvez a maior que houve em Portugal depois da

OBRAS DO PORTO DE LISBOA

1 Vista tirada de Alcantara para o nascente. — 2 Muralha comprehendida entre a Junqueira e a Torre de Belem. — 3 *Debarquemant fi*[illegible] Vista panoramica das obras na parte comprehendida entre a Rocha do Conde de Obidos e a Junqueira. — Machina prefuradora *(Prefuratrice)*

(Desenho [illegible] Freire e Silva)

que teve o simples e honrado Passos Manuel. Por toda a parte se acclamava o rude dictador, em quem o povo via a sua imagem, e de quem, sem exageração, com fundamento ou sem elle, esperava tudo! Era, porque assim digamos, uma diversão ou variante da sua antiga fé nos curandeiros.

Um celebre escriptor belga que visitou a nossa terra por esse tempo, o sr. Emilio de Laveleye, viu nas côrtes o bispo de Vizeu, e traçou depois n'uma das suas obras um retrato muito feliz do politico prelado, retrato que se encontra quasi pelas mesmas palavras no *Diario de Portugal* de 15 de fevereiro de 1881:

«De pé, solideo caído ao lado, acamando difficilmente uns cabellos grossos e indomaveis: o rosto largo com umas rugas horisontaes que denunciam a satisfação, o goso de um bom passal,[1] commodamente explorado; as mãos nos bolsos, o ventre petulante, o ar indifferente; elle parecia o ideal das creações de Courbet.»

Por esse tempo tambem Fontes Pereira de Mello, o orador predilecto da galeria das senhoras pelas suas maneiras palacianas e palavras sempre cortezes, não conseguia arrebanhar numero sufficiente de eleitores para continuar no tradicional sanctuario das leis a sua constante propaganda de fomento, de melhoramentos materiaes, de aggravamento do imposto, de aperfeiçoamento do exercito, e da defeza nacional. Um dos seus mais conceituados collegas na administração anterior era insultado pelo povo, quando ia pacificamente exercer o seu direito de votar. Soprava então o vento de outra banda, e desfraldava todas as pregas de uma bandeira em que se liam distinctamente estas palavras: Moralidade e economia. Pois, se exceptuarmos o protesto violento da *Revolução de Setembro*, em que Antonio Rodrigues Sampaio fuzilava quotidianamente as suas iras, o bispo triumphava sem contestação, e bem podemos dizer que, se a salvação publica não dependia só da sua benção, elle gosou, não obstante, na politica nacional de um simulacro da infallibilidade pontificia.

Não tardou, porém, a soar a hora da cruel adversidade, e o partido reformista, com os seus chefes e as suas acanhadas reformas, os emprestimos desgraçados e as pezadas deduções de triste memoria, tudo ruiu como um castello de cartas!

D'ahi a pouco tempo entrava novamente em scena Fontes Pereira de Mello, e d'esta vez era a valer, quasi com exclusão de todos os homens publicos que não fossem da mesma grey, aos quaes, por muito favor, se consentia o estarem alguns mezes no poder!

Houve então na camara dos deputados e na dos pares, como se provou mais de uma vez, uma maioria apostada para expulsar, quando fosse mister, os havidos por intrusos. O favor do paço liberalisado a Fontes Pereira de Mello não era, segundo se dizia publicamente, extranho a essas combinações de alta politica, que deram o triste resultado das instituições perderem muito do seu prestigio. D'ahi promanou naturalmente uma reacção, que era de esperar, senão do bom senso, por certo do desespero dos partidos, reduzidos á impotencia. Começaram então de apparecer na imprensa, e pouco a pouco foram tomando maior vulto as aggressões á corôa e á familia real. O estado revolucionario da Hespanha que a breve trecho se levantou em armas e derrubou Izabel II, abolindo *para sempre* os Bourbons, que dentro em poucos annos eram restituidos ao throno de Carlos V, concorreu para azedar ainda mais os animos e augmentar a exaltação. Foi n'esse ensejo que se organisou o partido republicano, no qual está hoje filiado o sr. Latino Coelho.

A sua evolução politica resume se em poucas palavras.

Alistou-se na regeneração, quando esta forte aggremiação politica foi na verdade um grandissimo beneficio para este paiz, principalmente por acabar de vez com a intolerancia, arvorada em norma de governo, e por abrir uma era de paz, condição primaria de toda a civilisação e progresso. E separou-se d'ella no momento em que todo o paiz soltou um brado de reprovação geral dos seus erros, que podiam ser involuntarios, e dos seus ruins expedientes, que esses eram voluntarios.

Aspirando á realisação de um ideal mais perfeito, o sr. Latino Coelho adquiriu a persuasão de que a forma de governo republicano dá garantias mais seguras ao direito do cidadão, nas suas multiplas manifestações; e para bem se apreciar esta sua orientação politica cumpre attender a que é oriunda da sua longa experiencia, e nem agora nem nunca movida de premio vil.

Respeitemos portanto, as suas convicções, que são tão sinceras como as dos que militam em arraiaes contrarios.

*
* *

Que diremos agora do escriptor?

Todos conhecem as suas obras, e apreciam devidamente a sua vasta erudição colhida nos mais perfeitos monumentos das linguas mortas e vivas, que elle estudou com afinco, e das quaes até publicou traducções primorosas como são, do grego, a *Oração de Demosthenes*, e, do allemão, *O Gladiador de Ravenna*.

Os seus elogios historicos colligidos em volumes passam por modelos no seu genero, principalmente o de José Bonifacio de Andrade.

Da *Galeria dos Varões Illustres* sahiu em 1880 o primeiro volume *Luiz de Camões*, sem duvida a melhor de todas as publicações feitas por occasião do tricentenario do grande epico, e em 1884 o segundo e terceiro volumes, intitulados *Vasco da Gama*.

No genero descriptivo é inexcedivel a sua penna, que sabe dar vulto e côr aos objectos, como um pincel. Foi muito apreciada a descripção de Cintra, inserta ha muitos annos no *Portugal Artistico*, mas não lhe é inferior a de Coimbra anteriormente a 1820, que damos em seguida como exemplo acabado da sua dicção aprimorada.

«Coimbra tem hoje eleições, philarmonicas, montepios, jornaes, deputados, mala-posta, estadistas, associações fraternaes, e institutos. A academia é hoje um accidente. Era n'aquelles tempos a propria substancia da cidade. Hoje ha n'ella cidadãos. Então era uma povoação de habitos talares, um grande convento benedictino, uma congregação de doutos, aonde os claustros eram as praças e as ruas.

«Em cima, como um castello-roqueiro, erguia-se, assoberbando a povoação, a torre da universidade. O suserano, o bispo-conde reitor, dominava na cidade cercado dos seus altos dignatarios, dos seus maceiros e mestres de ceremonias, dos seus *verdeaes*, lictores do consulado universitario, dos seus juizes conservadores, dos seus meirinhos, dos seus doutores, dos seus famulos, da sua numerosa cleresia. Em redor da universidade, as casas das ordens religiosas e os collegios seculares circumdavam a *alma mater*, como uma prole obediente e affectuosa que se comprazia na veneranda ancianidade da sua commum progenitora. Em volta de todos estes laboratorios espirituaes a cidade burgueza, representando a funcção humilde de ucharia e de refeitorio para todo este convento collossal. Em cima a aristocracia da sciencia, atirando desdenhosamente á plebe os despojos do seu festim. No fim de tudo a inquisição para realçar os toques principaes d'aquelle painel. Ao lado da academia, que é a palestra da rasão, o Santo Officio, que era o thermometro da fé. Junto da universidade, onde a sciencia indiscreta toca nos seus vôos com a heresia, a inquisição, que as podia censurar e corrigir. Junto á fabrica de idéas, o sello do Santo Officio para evitar o contrabando intellectual.

«Imaginae o que seria então Coimbra. Ideai-a n'um grande dia de primavera. O Mondego retratando, no seu espelho de prata o *O da ponte*, e orlando com o verde dos sinceiraes as margens sinuosas. A casaria da cidade a trepar pelo declivio, dividida em degraus de amphitheatro. Do massiço das edificações surgem aqui e acolá as torres das egrejas, com as suas cruzes floreteadas e as suas agulhas de mais arrogante projecção. Pelo rio os barcos á vela a perderem-se na volta dos meandros. Além os campos ridentes do Mondego, estendidos como um tapiz de arvoredos e de searas. Nas ruas as sotanas negras dos clerigos, as capas dos estudantes, a sirgulha das serventes, os habitos variegados dos monges de varias religiões, o retinir dos guizos nos machos de liteira, os chapeos derrubados dos arrieiros, as vestes burguezas dos mesteiraes, o trajo dos camponezes, o uniforme extravagante dos archeiros, e no meio de tudo isto sua excellencia reverendissima, o bispo de Coimbra, conde d'Arganil, senhor de Coja, do conselho de el-rei meu senhor, reitor reformador da universidade, atravessando gravemente a rua da Sophia para ir a Santa Cruz, no seu coche de estado tirado por quatro urcos.

«Agora entornemos por cima d'esta cidade meio-monastica, meio-burgueza a chuva de oiro das tradições guerreiras e poeticas. Façamos voltear nos ares os sons confusos e perdidos de tantas lyras, dedilhadas á sombra verdejante do Mondego. Figuremo-nos que ainda esvoaça á luz indecisa do crepusculo a tunica resplandecente da amorosa Ignez de Castro. Ponhamos hombro, a hombro, mirando-se desdenhosos, os reis e os heroes, que tiveram a Coimbra por theatro das suas façanhas. Façamos desfilar á hora das visões os espiritos saudosos de Attaces e de Sisnando. Dividamos o campo ás justas sanguinolentas dos almogavares mussulmanos e das turmas irresistiveis da cavallaria christã. E ao longe contemplemos a quinta das Lagrimas, poema tacito de amoraveis melancholias, e discorramos com o inspirado Camões, com o ameno Bernardim, com o grave Antonio Ferreira, que trasladam o côro das Camenas para as margens do Permesso portuguez.»

*
* *

Repousando de umas fadigas n'outras fadigas, o sr. Latino Coelho trabalha actualmente no diccionario da lingua portugueza da Academia Real das Sciencias, e na conclusão da sua *Historia politica e militar do seculo XVIII*, da qual ha já dois volumes publicados.

Alberto Telles

[1] Os bispos não teem passal; mas bens e rendimentos da mitra

O TRATADO COM A BELGICA

(Concluido do n.º 452)

Já estamos cansados de ser prophetas em questões africanas, e começámos a comprehender uma cousa: — ou nós não entendemos nada do que se tem passado na nossa Africa, ou estão todos doidos!...

No nosso anterior artigo estranhavamos que não fosse nomeado nenhum dos homens que tivessem conhecimento de Angola, e seus sertões, para a conferencia de Bruxellas em que se tratava das delimitações da soberania portugueza para o interior.

E quando este reparo fizemos, citamos nomes de militares de patente superior e altos funccionarios civis. Não vão pensar que apenas desejavamos que fossem nomeados para a conferencia de Bruxellas individuos que só tivessem vivido em Angola e conhecessem os seus sertões!... Citámos nomes indicados pelo são criterio e pela opinião publica, nomes consagrados na historia africana. E o governo nomeia passeantes de *trotoirs*, fumadores de opio!

Agora era necessario ir alguem a Angola, já que se fez o disparate para o mesmo desgraçado fim de mandar o senhor Antonio Ennes, a Moçambique, designar no terreno (muito gostava eu de lá estar para me rir da nossa sciencia official) os limites das possessões portuguezas, e não é nomeado o sr. Ferreira do Amaral o mais estimado governador de Angola, nem o sr. Neves Ferreira o respeitabilissimo governador do Congo, nem o sr. Henrique de Carvalho que os habitantes da Lunda que pela boca do seu imperante pediam para governador d'aquelles vastissimos estados!...

Decidiu o governo nomear o meu amigo Dantas Baracho para o cargo que era, naturalmente, para qualquer d'aquelles benemeritos da nação!

O sr. Dantas Baracho, a respeito d'Africa, conhece apenas uma cousa que elle chama o *grande reportorio*. Isto, que parece grego para muita gente, é a definição exacta dos conhecimentos e aptidões do cavalheiro nomeado para uma exploração ou para uma delicada missão em Africa.

O sr. Henrique de Carvalho elucida-nos sobre o assumpto quando diz:

«Se o sr. conselheiro Julio de Vilhena tivesse a paciencia indispensavel para ler com toda a attenção as minhas extensas communicações mensaes durante os quatro annos da minha missão nas terras de Lunda e tambem os Diarios da minha expedição, archivados na direcção geral do ultramar; se pudesse ler ainda toda a correspondencia, que já é numerosa, do tenente Candido Sarmento, que ha um anno, com muita difficuldade, tem avançado do Guango ao Cuêngo, de certo sobre a questão de Lunda formaria um juizo muito differente do que faz; e não iria sacrificar o meu amigo de infancia tenente coronel Dantas Baracho na missão tão ardua que lhe confiou, se é que elle tem de assistir á demarcação das fronteiras nas terras de Lunda com as da possessão do Estado Independente.

«Na actualidade, eu mesmo me encontraria em serios embaraços para chegar ao local das demarcações e para o cumprimento d'esse encargo teria de seguir itenerario muito diverso do que percorri.

«Os proprios expedicionarios que estão alem do

Cuengo, briosos officiaes do exercito de Africa, com muita pratica do sertão, creio bem, hoje, que com muitas difficuldades lá poderão ir.

«Não se póde fixar a data em que os delegados portuguezes podem chegar ás fronteiras, a não ser que elles se aproveitem dos transportes do Estado Independente e caminhem depois com elles.

«Não julgo acertado que se acceite tal favor do Estado Independente.»

Nem eu. Porque se assim for, era uma vez o meu bom amigo Baracho.

Imaginem o Muatianvo com os seus estados partidos ao meio, e os nossos amigos Muata Cambana e Maimuenne que devem estar desesperados por os portuguezes os terem vendido aos *brancos falsos*, a receberem vindos do norte, do lado onde no dizer do sr. Ferreira do Amaral se trucidam e enforcam os negros para sustentar um odioso syndicato, imaginem como elles receberão o portuguez, o representante do Mueneputo, junto dos *brancos falsos*, depois de saberem que foram traiçoeiramente vendidos!...

Vendidos? e porque não? sabem elles porventura se deixaram de ser portuguezes?

Pois os *lundas* consideravam o portuguez, como o *primeiro branco*, não recebiam os estrangeiros (que elles consideravam assim todas as nações em relação a Portugal) sem o consultar, o que facilmente se depreende da notabilissima obra do sr. major Henrique de Carvalho; pois os *lundas* são portuguezes, em face da historia, do direito e pela sua propria resolução, e ha um parlamento que sancciona uma tão larga alienação do territorio portuguez, sem discussão?

Bem dissemos, está tudo doido...

Mas ha mais, ouçamos ainda o sr. major Carvalho que é mina inexgotavel:

«E' conveniente a nomeação de um delegado do governo, encarregado especialmente de por em pratica um plano de administração não só nas terras de Lunda, como ainda nos concelhos da provincia áquem do Cuango, que abrangem os Dembos, Encoje, Mahungos, Jinga, Malanje, Bondos longes, Hollos, Cobos e Cassanje (os Bangalas que depois das guerras do tenente Cazal se tornaram verdadeiros preponderantes nas margens do Cuango). Com muita vantagem se poderiam aproveitar da abnegação, patriotismo e prestimosos serviços dos benemeritos expedicionarios que hoje estão nas terras de Lunda. Conservar aquellas *com os fins com que foram organisadas*, AGORA *é perder tempo*, fazer despezas inuteis e sacrificar as vidas dos expedicionarios.»

Diziamos e com sobeja razão que estavamos cansados de ser prophetas. Aqui temos pela auctorisada palavra do sr. Henrique de Carvalho confirmado o que dissemos no OCCIDENTE de 11 do corrente:

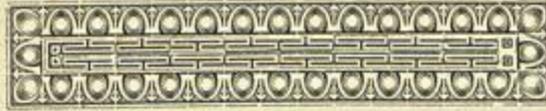
«Pelo tratado de 25 de maio d'este anno ficamos perdendo todo o trabalho, despezas e sacrificios, feitos com a expedição ao Muatiânvua de 1884—1888 commandada pelo benemerito africanista o sr. major Henrique de Carvalho»

Toda a gente sabe, menos os espiritos superiores que tão sabiamente nos tem regido, que o rei Leopoldo da Belgica sonhara fundar um grande estado no coração da Africa afim de poder apropriar-se das fabulosas riquezas com que Stanley lhe emprenhou os ouvidos. Portugal, isto é os seus dignos representantes, fornecera-lhe, na conferencia de Berlim, largos tratos de terreno e o caminho aberto para o Oceano, e as nações coloniaes da Europa apoiaram Leopoldo da Belgica. Mas a expedição em que o rei dos belgas fundava todas as suas esperanças, commandada por Van der Kerchoven demonstrou os processos civilisadores do rei dos belgas em Africa, *processos* que tão bem descreveu no parlamento o sr. Ferreira do Amaral; comprehende-se facilmente que taes systemas de civilisar indignassem a Europa.

Começaram a faltar auxilios, e o rei Leopoldo encontra nas suas finanças um *deficit* superior a seis milhões de francos por causa das aventuras africanas. Appellou para as potencias signatarias da conferencia de Berlim, estas acudiram-lhe conferindo-lhe o direito do estabelecimento de impostos e *direitos* de entrada até á concorrencia de 10% *ad valorum*. Portugal vio tudo isto e calou-se. Estava na sua ordinaria occupação, a fazer conselheiros e eleições.

Sentindo-se, o rei do estado independente, arruinado virou-se para Portugal e conseguiu um tratado que fará rir a bandeiras despregadas toda a diplomacia europea, mas que encherá as algibeiras de todos os Stanleys, Leopoldos e Kerchovens.

Infeliz Patria...

Manuel Barradas.

REVISTA POLITICA

No desbarato em que tudo isto vae, não nos faltava mais nada que a crise politica de mãos dadas com as crises financeira e monetaria, e o caso é que pode muito bem acontecer assim, se não houver a prudencia indispensavel para evitar aquella como parece que não ha para conjurar as ultimas.

Correu a noticia de crise ministerial dizendo-se que sahia do ministerio o sr. João Chrysostomo, presidente do conselho e ministro da guerra, e entrava o sr. conde de Cazal Ribeiro, ou assumia a presidencia o sr. conde de Valbom, ministro dos estrangeiros.

Como se realisaria esta mudança é que nós não sabemos, porque a sahida do presidente de ministros não é o mesmo que a sahida de outro qualquer ministro; corta-se uma perna, um braço ou um dedo e o corpo resiste, mas cortando a cabeça não ha resistencia possivel, e constitucionalmente não percebemos como se faria um tal enxerto.

O que todavia é certo, é que qualquer coisa houve de novo no seio do gabinete, porque os boatos correram e não nos parece que n'esta occasião fossem mero devertimento de novelleiros.

Felizmente o governo conserva-se firme, e dizemos felizmente, porque n'esta occasião a firmeza do governo — este ou outro — é um mal de menos, attentas as difficuldades maiores que uma queda de ministerio trariam ao pobre Portugal.

Basta-nos a crise financeira e a crise monetaria, para entreter os ocios que infelizmente vão crescendo com ellas, e se a circulação da moeda não voltar ao seu antigo movimento e se se conservar retrahida, dando largas á agiotagem, não nos deve surprehender que a ordem publica seja alterada, o que será um novo mal.

«Perdigão perdeu a pena, não ha mal que lhe não venha.»

Mas que a nação soffra dos males que não soube evitar e que veem de longe, que outro remedio tem que resignar-se e procurar sahir d'essas difficuldades para o que lhe não faltam recursos; soffrer, porem, de males que ella propria está criando no momento, é que não tem explicação sensata, e em grande crime de lesa nação correm aquelles que os estão promovendo.

As providencias que o governo tem dado figuram, por emquanto, muito mais nos noticiarios dos jornaes do que realmente na pratica, e nem podia deixar de ser assim, uma vez que essas providencias são: fabricar moeda de prata e notas de pequenos valores, o que não se faz de um dia para o outro e muito menos em um paiz em que faltam os recursos para as grandes producções em curto espaço de tempo.

Mas o mal aggrava-se em cada dia que passa e ainda resta saber se aquellas providencias governativas serão sufficientes para o debelarem, dada a avidez com que é absorvida toda a prata cunhada que a casa da Moeda está produzindo de dia e de noite.

Cresce o mal, dizemos, e cresce não só pela disconfiança do publico, mas porque ha quem explore essa desconfiança em proveito proprio, fazendo agiotagem com a moeda para lhe não chamarmos roubo.

Pois bem, se isto é assim, se um abuso intoleravel ameaça perturbar a ordem publica e augmentar as desgraças que nos assoberbam, ao governo assiste o direito de, em nome da ordem e dos interesses do maior numero, decretar medidas extraordinarias que poderão ser bem mais proficuas do que as até aqui tomadas, e se reduzam simplesmente, a decretar sem rodeios o curso forçado do papel moeda, e a prohibir sob pena de multas consideraveis a venda de moeda nacional com agio.

Cremos que ninguem censurará o governo por estas medidas extraordinarias, porque aquelles que o poderiam censurar, por ellas irem contra os seus *licitos* interesses, cremos bem que não se arriscarão a fazel-o, porque sempre terão um resto de amor ás suas costellas inteiras.

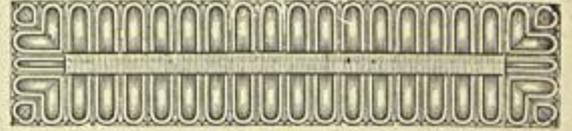
Tem-se desrespeitado as liberdades publicas e atropelado as leis tantas vezes para chegarmos a este bonito estado, que não é muito que o governo salte agora por cima d'essas liberdades e leis, para restabelecer a ordem onde principia a haver a desordem, para acabar com um abuso que corre parelhas com o roubo.

E tem-nos absorvido todo o espaço de que dispomos a questão monetaria não nos deixando campo para mais nada.

Verdade é que muito pouco mais teriamos a dizer sobre o movimento politico da ultima dezena.

Temos commissões para rever e confeccionar tratados de commercio, questão importantissima, mas que não sabemos se será tratada com a intelligencia e sciencia que é mister, porque se o fôr será a primeira vez que tal acontece, e temos mais uma contradança diplomatica muito semelhante ao jogo dos quatro cantinhos.

Assim temos que o sr. Emygdio Navarro vae ministro para Paris, o sr. Miguel Dantas passa de Paris para Berlim, o sr. marquez de Penafiel vem para Bruxellas, e o sr. conde de Macedo passa de Bruxellas para Roma indo o sr. Mathias de Carvalho para a disponibilidade, ou para o meio da rua exactamente como no citado jogo dos rapazes.

João Verdades.

RESENHA NOTICIOSA

INSTITUTO DE PROTECÇÃO ÁS FAMILIAS DOS FUNCCIONARIOS CIVIS E MILITARES FALLECIDOS NO ULTRAMAR. — Acaba de se fundar em Lisboa, sob a protecção de Sua Magestade a rainha D. Amelia, uma nova instituição cujo fim se acha espresso no titulo que se deu.

O novo instituto estabelecer-se-ha no edificio do extincto convento de Santo Alberto ás Janellas Verdes, e no dia 15 do corrente houve uma reunião na sala do conselho de Estado do ministerio do Reino, a que presidiu Sua Magestade a Rainha e a que concorreram muitos cavalheiros do alto funccionalismo, aristocracia e commercio, com o fim de se eleger 15 vogaes que juntos com os de nomeação regia, devem constituir a direcção do instituto. N'esta reunião, sua magestade a Rainha pronunciou um bello discurso referindo-se aos portuguezes que expõem a vida nas terras d'Africa e prestam serviços á patria, quanto eram dignos que a mesma patria os não esquecesse, prestando-lhe todo o auxilio e a suas familias quando d'elle carecessem. Era esta a idéa que presidia á fundação do instituto de que ia ali lançar as bases.

Foram escutadas com o maior interesse as palavras da bondosa Rainha e applaudidas ao terminar.

Procedendo-se á eleição, sahiram eleitos os seguintes srs.: Conde de Valenças, 126; Marquez de Franco, 119; Vicente d'Almeida d'Eça, 126; Antonio Ennes, 124; Caetano d'Albuquerque, 114; Polycarpo Anjos, 121; Pinheiro Chagas, 126; Antonio Julo Machado, 122; Oliveira Gonçalves, 147; Teixeira da Silva, 126; Brito Capello, 119; Lopes d'Andrade, 121; Luciano Cordeiro, 126; Caetano Monteiro, 121; Souza Leal, 122 votos.

ESCOLA DOMINGOS SEQUEIRA, — já se realisaram os exames n'esta escola de desenho industrial de Leiria com notavel aproveitamento dos alumnos, e de que é professor o sr. João Christino da Silva, antigo collaborador artistico do OCCIDENTE muito apreciado.

O resultado dos exames em 203, foi o seguinte: 6 premios pecuniarios, 30 premios honorificos, 167 aprovações plenas e 7 reprovados. Os alumnos examinados foram 80.

Na aula da Batalha, leccionada pelo mesmo professor, houveram 26 exames obtendo 1 premio pecuniario, 2 premios honorificos e 23 approvações plenas. Os alumnos eram 13 que concorreram aos exames.

Presediu aos exames a professora da escola de Peniche a sr.ª D. Etelvina Augusto da Paz Assumpção, que tambem representou o inspector na distribuição dos premios aos alumnos, acto a que concorreram todas as pessoas mais distinctas de Leiria.

Houve uma exposição dos trabalhos dos alumnos e festejos promovidos por estes.

ALEXANDRE DE SEABRA. — Falleceu em Anadia, terra da sua naturalidude, o sr. Alexandre de Seabra, vulto respestavel do fôro portuguez e sogro do sr. conselheiro José Luciano de Castro.

O sr. Alexandre de Seabra nasceu a 12 de março de 1818, e formou-se em direito na Universidade de Coimbra, em 1840, estabelecendo depois banca de advogado em Anadia, onde sempre viveu e ganhou a grande estima que lhe tributavam os seus conterraneos, pelo caracter honrado e altas virtudes civicas que o distinguiam.

E eram estas distincções que mais o honravam e enobreciam que não outras que elle sempre regeitou, com uma superioridade e desprendimento que mais o exaltavam ainda.

Nem nunca quiz emprego ou commissão official que fosse remonerado, isenção verdadeiramente rara n'estes tempos de prebendas e sinecuras.

Mas nem por isso negou os seus serviços ao paiz, e quantos elle lhe prestou sem remoneração.

O codigo do processo civil é obra sua e foi approvado pelas cortes, em 1876. Offereceu-lhe o governo por essa occasião o pariato que elle agradeceu sem acceitar, e do mesmo modo procedeu com relação a uma commenda e um titulo com que o queria agraciar.

Homem do seu tempo com todas as virtudes civicas que destinguiram antigos portuguezes.

O sr. Alexandre de Seabra finou se no dia 4 do corrente, tendo ido assistir á sua morte o sr. conselheiro José Luciano de Castro com sua ex.ma esposa e filhas. O seu funeral realisou-se no dia 6 com as maiores demonstrações de sentimento de todo o povo de Anadia e geral pesar do paiz que perdeu um dos seus mais notaveis jurisconsultos.

Conferencias Publicas pelo sr. José Julio Rodrigues. — Este distincto professor e publicista, terminou uma serie de conferencias publicas que realisou no theatro de S. Carlos, perante um numeroso auditorio, sempre avido de ouvir a sua palavra eloquente e apreciar os seus vastos conhecimentos scientificos.

Essas conferencias versaram sobre o archipelago dos Açores e ilha da Madeira, em que o illustre chimico historiou desenvolvidamente a vida d'aquelles, povos, as suas industrias e as riquezas naturaes do solo, encinando a melhor maneira de as explorar e desenvolver, mostrando o muito que ha ainda a fazer para se aproveitarem bem.

Estas conferencias foram mais um triumpho do sr. José Julio Rodrigues pelo profundo conhecimento que revelou d'aquellas preciosas ilhas, de que elle é um dos seus mais distinctos filhos.

Oxalá que o valioso trabalho do sr. José Julio Rodrigues, aproveite, sendo tomado na devida conta pelos que podem e devem concorrer para o desenvolvimento da riqueza publica n'aquella parte de Portugal isolada no meio do Oceano.

Afiguram-se-nos extremamente praticos muitos dos alvitres apresentados pelo illustre conferente, e por isso seria de grande vantagem a sua execução, com o que muito lucrariam os povos dos Açores e o paiz inteiro.

As conferencias do sr. José Julio Rodrigues vão ser publicadas e então melhor poderão ser apreciadas pelo publico em geral.

Industria Nacional. — Assistimos no dia 12 do corrente a uma festa altamente sympathica que teve logar na fabrica de ladrilhos mosaicos em Alcantara.

Esta fabrica, fundada pelo sr. Eduardo Augusto Pinto de Magalhães, em 1875, inaugurou n'aquelle dia uma nova secção de fabrico a vapor pelos processos mais modernos d'esta industria, e para assistir a essa inauguração convidou varios engenheiros constructores, architectos, mestres d'obras, a imprensa de Lisboa e amigos seus.

A fabrica achava-se funccionando em todas as suas officinas podendo os convidados analysar o fabrico dos ladrinhos mosaicos que é muito curioso.

São os ladrilhos moldados d'entro de fôrmas de ferro e de latão com os desenhos a côres de que se compõem, e para o que o mesmo ladrilho passa por tantas formas quantas as côres que tiver. Este trabalho é feito por mulheres que deitam em cada fôrma o pó da côr conveniente até estar completo o mosaico do ladrilho. Então esta fôrma é vazada para outra que está preparada com o pó de pedra triturada na mesma fabrica, e que constitue a base do ladrilho. Esta fôrma entra n'uma prensa girante que recebe aperto de um balancé mechanico onde é premida, e está formado o ladrilho que passa a um forno a coser e depois a grandes tanques onde recebe um banho d'agua para enrijar.

Vimos grande quantidade de modelos e entre elles muitos de bonitos desenhos e muito bom gosto.

A materia prima para este fabrico é toda importada, por não a haver no paiz, á excepção da pedra triturada que serve de base ao ladrilho, que é de Cintra e moida na fabrica.

As fôrmas tambem são estrangeiras mas o sr. Pinto de Magalhães pensa em as fazer cá. Esta mesma fabrica vae ser augmentada com uma officina para fazer *parquet* de madeira.

As officinas são vastissimas e o novo machinismo adquirido é do systema Praleviel de Tulosa.

A fabrica emprega de 60 a 70 operarios entre homens e mulheres, a sua producção diaria é de 350 metros quadrados de ladrilhos que encontram rapido consumo.

No fim da visita foi servido um delicado *lunch* a todos os convidados, fazendo o sr. Pinto de Magalhães, um brinde agradecendo a todos os presentes que tinham annuido ao seu convite, declarando que se sentia feliz por ver coroados os esforços do seu trabalho com os progressos que a sua industria ia fazendo.

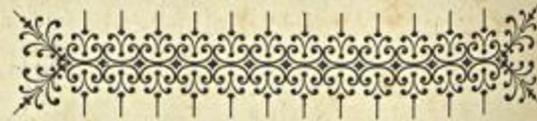
O sr. Luciano Cordeiro, como o jornalista mais antigo que ali se achava, agradeceu em nome da imprensa o amavel convite do sr. Magalhães e congratulou-se pelos progressos da industria que ali fazia a sua festa, fazendo votos pela sua prosperidade. O sr. Mendonça e Costa brindou ao sr. Pinto de Magalhães elogiando a sua actividade e arrojo industrial e desejando que a industria nacional fosse a preferida pelos portuguezes em tudo que ella os podesse servir; trocaram-se ainda varios brindes terminando por um brinde feito por Caetano Alberto em que, mostrando ser a arte o barometro que marca a civilisação e grandeza d'um povo, terminou por levantar um viva á industria nacional e ao operario portuguez, que foi calorosamente correspondido.

DR· ANTONIO DA SILVA JARDIM

Victima de horrivel catastrophe no Vesuvio

(Segundo photographia)

Achavam-se presentes os operarios da fabrica que tinham encarregado o guarda livros de saudar o sr. Pinto de Magalhães, e por essa occasião este senhor mandou lêr diante d'elles um termo de responsabilidade pelo qual elle se compromette d'ali em diante a garantir, em caso de doença dos seus operarios, um terço de salario aos que tenham tres annos de serviço na fabrica, metade aos que tiverem cinco annos, tres quartos aos que tiverem dez annos, e o salario inteiro aos que tiverem vinte annos.

Esta resolução do sr. Pinto de Magalhães mostra as boas intenções que tem em premiar os seus operarios bem comportados e trabalhadores. É exemplo digno de ser imitado.

PUBLICAÇÕES

Recebemos e agradecemos:

O barão de Lavos. — por Abel Botelho. Eduardo da Costa Santos Sobrinho, editor, Porto. 1 vol. de 548 paginas in—8.º E' um estudo de patologia social, conforme o seu auctor o denomina, mas que nos parece um estudo mal empregado, e sentimos que o sr. Abel Botelho dedicasse o seu tempo á observação minuciosa de tão deprovado assumpto, dando tambem a sua enxadada para esta dissoloção social que se alastra assustadoramente.

Os beijos *Monologo*, — por Pedro Machado. Lisboa. Uma promessa valiosa este pequeno monologo em delicados versos imnumerando as varias especies de beijos, desde o de Judas até aos de Cupido. Este monologo faz-nos esperar do seu auctor obra de mais folego.

Catalago *dos trabalhos expostos no Museu Industrial e Commercial de Lisboa e executados nas Escolas Industriaes e de Desenho Industrial da circumscripção do sul, no anno lectivo de 1889-1890.*—Lisboa, Imprensa Nacional, 1891. Este catalogo é prefaciado pelo sr. Joaquim Tello, director do museu, prefacio que é a historia resumida do Museu Industrial, e Commercial de Lisboa, e das escolas industriaes e de desenho que se acham representadas na exposição com os trabalhos dos seus alnmnos. As escolas que expõe os seus trabalhos são: *De Affonso Domingues*, em Xabregas; *Fradesso da Silveira*, em Portalegre; *Jacome Raton*, em Thomar; *Gil Vicente*, em Belem; *Victorino Damasio*, em Torres Novas; *Campos Mello* na Covilhã; *Rainha D. Leonor*, nas Caldas da Rainha; *Rainha D. Maria Pia*, em Peniche; *Princeza D. Amelia*, em Setubal; *Domingos Sequeira*, em Leiria; aula de desenho, na Batalha; *Pedro Nunes*, em Faro; museu industrial Maritimo de Faro; *Josepha d'Obidos*, no Funchal; *Damião de Goes*, em Alemquer; *Antonio Augusto d'Aguiar*, em Angra do Heroismo; São muito para apreciar os trabalhos expostos e mostram a utilidade d'estas escolas, no curto tempo que ellas teem de existencia, e quanto ha a esperar d'ellas para o progresso das nossas artes industriaes e industria em geral.

A questão ingleza, *o novo tratado Luso-Britannico. Discurso pronunciado na sessão de 6 de junho de 1891*, por Manoel de Arriaga, deputado por Lisboa. Imprensa Nacional. Um folheto de 24 paginas in—8.º portuguez. Este discurso é a condemnação mais completa da nossa diplomacia, na questão anglo-portugueza, e não se diga que o sr. Manuel d'Arriaga falla consoante o seu partido, por que os argumentos com que o illustre orador condemnou o tratado anglo-portuguez, estão no intender de todos os bons patriotas republicanos ou não.

Adolpho, Modesto & C.ª — Impressores
Rua Nova do Loureiro, 25 a 43